

## Jornalismo Esportivo: influências da prática na profissão<sup>1</sup>

Carlos Augusto TAVARES JUNIOR<sup>2</sup>  
Universidade de São Paulo, São Paulo, SP

### RESUMO

Este trabalho tem a finalidade de levantar um questionamento sobre a prática profissional do jornalismo esportivo, sobre essa produção noticiosa ocorre no Brasil da década de 2010. Desse modo, foi produzido um levantamento qualitativo, com as referências bibliográficas da cultura, bem como os processos da deontologia. Para uma aproximação teórico-prática na contemporaneidade, foram realizadas pesquisas de campo com profissionais, pesquisadores e professores de Jornalismo, cujas entrevistas tiveram como pergunta central “o que é jornalismo esportivo”, diante da realização dos Jogos Olímpicos do Rio de Janeiro em 2016. No estudo das interfaces esportivas do jornalismo, foram constatados que o processo de produção de notícias no Brasil encontra desafios diante da cobertura massiva de uma modalidade, o futebol e o acontecimento multifacetado nos noticiários esportivos.

**PALAVRAS-CHAVE:** jornalismo esportivo; olimpíadas; Rio de Janeiro 2016; entrevistas; comunicação.

### INTRODUÇÃO

Este artigo foi elaborado com base em entrevistas com profissionais, pesquisadores e professores de jornalismo diante do cenário do Brasil, prestes a sediar na América do Sul, a primeira edição dos Jogos Olímpicos de Verão – Rio 2016. Além deste fator, as características da contemporaneidade, como os impactos da tecnologia na multimídia convergente e a especificidade do perfil convencional do jornalismo esportivo no Brasil, como por exemplo, a predominância do futebol diante de outras 40 modalidades.

Diante do elemento “Brasil no século XXI”, a atuação da especialidade do jornalismo destinada aos esportes pode não demonstrar, *a priori*, reflexos decorrentes da pauta do jornalismo e as interfaces desportivas na produção midiática. Além dos desafios de realizar a primeira edição sul-americana dos Jogos Olímpicos de Verão, o Brasil apresenta um cenário cultural que permeia a produção noticiosa, com muito destaque para uma

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no DT 6 – Interfaces Comunicacionais do XXI Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste realizado de 17 a 19 de junho de 2016.

<sup>2</sup> Bacharel em Comunicação Social (habilitação em Radialismo). Mestre em Ciências da Comunicação (USP); doutorando em Ciências da Comunicação (PPGCOM-USP), e-mail: [carlostavaresjr@usp.br](mailto:carlostavaresjr@usp.br)

modalidade diante de outras que acontecem simultaneamente e que influi no resultado de medalhas da olimpíada como um todo. Roberto da Matta assinala tal premissa da seguinte forma:

“Vivemos num mundo marcado pelo futebol. Mais que isso - temos uma identidade social composta por uma seleção de papéis entre os quais o de torcedor ocupa um lugar de destaque. O povo brasileiro, dizem, é formado por mais de cem milhões de técnicos de futebol, pois quase todos se consideram autorizados quando se trata de escalar um time, criticar um sistema ou apreciar o desempenho de uma equipe” (DA MATTA, 1982, p. 78).

A perspectiva de geração de conteúdos informativos, ou melhor, da produção do material midiático, negociado sob contratos de “direitos de transmissão”, a partir do detentor, nesse caso, o Comitê Olímpico Internacional juntamente com o organizador Comitê Olímpico Brasileiro. A expectativa mais previsível, para uma cobertura com alto grau de detalhamento, dentro dos moldes de uma “monocultura esportiva”, como o “País do Futebol”, impacta na cobertura dos jogos olímpicos e que ainda demonstra afinidade como componente cultural nacional, estudada por Roberto Da Matta (1984).

O desafio de se noticiar outras 40 modalidades diferentes no evento que terá início em agosto de 2016 exprime a busca por um caminho teórico e as perspectivas sobre a cobertura olímpica no Brasil consiste na coleta de entrevistas com especialistas – professores universitários de Comunicação Social e de Educação Física, além de profissionais de rádio e televisão – sobre *o que é o jornalismo esportivo?*

Apesar do questionamento aparentar simplicidade, a complexidade do tema se torna perceptível não apenas pelos caminhos e divergências teóricas: dentro do próprio jornalismo esportivo, a percepção individual e subjetiva caracteriza tal premissa. O professor da Universidade de Juiz de Fora, Márcio Guerra, apresenta subsídios do âmbito teórico-prático sobre essa prática no jornalismo profissional brasileiro:

Jornalismo esportivo é uma atividade, uma editoria dentro do jornalismo, que tem a sua história marcada, primeiro, por um preconceito envolvendo a atividade, como se fosse uma atividade menor e que, aos poucos, foi se consolidando como um espaço cada vez mais legítimo e importante da prática de todas as teorias de Comunicação, com elemento, um componente diferencial, que nós lidamos com a paixão, lidamos com a emoção. E, por conta de lidarmos com emoção e com paixão, o jornalismo esportivo ganha um impacto e uma projeção muito maior no público do que qualquer outra editoria, porque você mexe com aqueles que torcem a favor e torcem contra e, por conta disso, isso acaba causando sempre um impacto maior. Então,

eu acho que o jornalismo esportivo é, acima de tudo, o exercício profissional feito com paixão (GUERRA, 2015. Entrevista realizada em 05/09/2015 nas dependências da ECO – UFRJ).

Ao entrecruzar a noção de que o acontecimento do esporte no caminho apontado por Mário Erbolato, em que:

[...] editoria de esporte é o local da redação leve, suave, fácil, viva, em que cabem o humor, o pitoresco, o fato engraçado, as expressões consagradas pelo espírito popular e os modismos empregados em doses racionais. (AMARAL, 1982, p. 89).

Para o professor da Universidade Estadual do Rio de Janeiro, Ronaldo Helal, os contextos cultural e social também contribuem na definição dessa prática no Brasil:

Jornalismo esportivo é Jornalismo. Talvez, o que poderia diferenciar de outras editorias de esporte é que (o que eu acho que) jornalismo esportivo, talvez junto com o jornalismo de cultura seriam editorias em que uma certa dimensão pelo gosto do objeto que está sendo informado é mais permitido, o que não é permitido por exemplo na seção de Política. Ainda assim, existe uma tendência muito forte, hoje em dia, de o Jornalismo esportivo se distanciar cada vez mais do seu objeto e procurar fazer um certo jornalismo mais investigativo. Mas, desde Mário Filho já havia essa ideia, essa permissão, de o jornalismo esportivo demonstrar um pouco mais a sua paixão pela atividade. Hoje, eu acho que isso vem diminuindo. (HELAL, 2016. Entrevista realizada em 05/09/15 nas dependências da ECO – UFRJ).

Além disso, faz-se importante ressaltar as nuances culturais dos aspectos brasileiros, percebidos nos processos de construção noticiosa do jornalismo esportivo. Para o professor Manuel Carlos Chaparro, da Universidade de São Paulo:

Eu sou um pouco contra rótulos: eu acho que não existe jornalismo esportivo, existe jornalismo aplicado ao esporte, porque o jornalismo é a linguagem social e cultural mais adequada para socializar os discursos onde há conflitos e o esporte é essencialmente, um ambiente de conflitos. Você não tem nada no esporte que não tenha a emoção do conflito. Então, o que é importante é você levar para o esporte o jornalismo, com todas as suas exigências éticas, técnicas e culturais, porque é isso que interessa ao esporte: usar e ter o que usar, uma linguagem confiável, e o jornalismo é, se for respeitado como linguagem, e ter também no esporte, um ambiente que seja um (ambiente do) espaço público dos conflitos. O jornalismo para o esporte é também o espaço público dos conflitos: as coisas acontecem não (apenas) no estádio. Acontecem à medida em que o jornalismo socializa os discursos do embate. (CHAPARRO, 2015. Entrevista realizada em 05/09/2015 nas dependências da ECO – UFRJ).

Ainda que algumas considerações conceituais do embate sobre uma espécie de tratado para uma definição adequada sobre o jornalismo esportivo venham a emergir, segundo José Carlos Marques, professor da Universidade Estadual de São Paulo:

Eu queria começar dizendo que não me agrada essa definição de jornalismo esportivo, porque essa qualificação parece que diz que o jornalismo pratica esporte... eu prefiro [estabelecer] uma iluminação [teórica] mais apropriada, a meu ver, seria jornalismo sobre esporte, sobre o fato esportivo, que eu acho que me agrada mais. Como é que eu definiria? É o jornalismo que se debruça sobre acontecimentos esportivos, especialmente o esporte de alta competição, de alto rendimento, o esporte competitivo. O jornalismo esportivo quase sempre, quase [que única e exclusivamente] vai se debruçar sobre o fato esportivo ligado a esses eventos do futebol [esporte] profissional. (MARQUES, 2015. Entrevista realizada em 05/09/2015 nas dependências da ECO – UFRJ).

A apresentação das notícias desportivas dos jogos olímpicos Rio 2016 pode oferecer uma boa possibilidade de ampliação e envolver modalidades diferentes, cujas práticas são desconhecidas (sem recorrência) em um cenário envolvido pelas seguintes modalidades preponderantes: futebol, basquete, vôlei e natação; estação de campeonatos e períodos intertorneios; valores esportivos (como a moral e a ética das modalidades) e a história dos atletas que passam a protagonizar sagas de luta e superação, a partir da conquista e até mesmo da frustração de expectativas sobre uma medalha. O professor e pesquisador da Universidade Mackenzie, Anderson Gurgel Campos exemplifica essa questão:

Essa é uma das perguntas mais complicadas, quando estudamos comunicação e esporte no Brasil, porque há um confronto entre alguns teóricos que já estudam o assunto e o que temos cotidianamente na mídia. Se tivermos aquilo que vemos nos jornais, nas revistas, na TV – como sendo “jornalismo esportivo” – vamos achar que, praticamente é futebol e um pouquinho de automobilismo, um pouquinho de vôlei, basquete... e quase isso, e de vez em quando aparece um tal de Gabriel Medina, uma Daiane dos Santos. Então, temos um problema na maneira como a mídia esportiva mostra o esporte. A mídia, o jornalismo esportivo, como se apresenta o esporte – esse é o primeiro ponto. Por outro lado, a teoria que falar desse assunto, vai nos dizer que jornalismo esportivo é, a princípio, tem a ver com todo um campo que envolve questões do esporte que tem valor-notícia, que sejam objetos jornalísticos, que interessam ao público, que o jornalismo fará seu papel, como uma instância que vai organizar e levar informações para esse público. (CAMPOS, 2015. Entrevista realizada em 06/09/2015 nas dependências da ECO – UFRJ).

Anderson Gurgel Campos também deixa claro que a prática de muitas atividades simultâneas que ocorrem pelo mesmo profissional e permeiam o âmbito do Jornalismo pode causar confusão ou mesmo, alguns falsos cognatos sobre as atividades e produções desenvolvidas por esse profissional:

Quer dizer, temos a ideia de que qualquer tema dentro desse universo esportivo que interessa a um público pode ser objeto do jornalismo esportivo e, por outro lado, o jornalismo esportivo feito na mídia, que é sempre voltado para o alto rendimento, abordando o futebol e um pouquinho de outras coisas. Então, esse é o problema: eu sou o defensor da ideia de que precisamos repensar o conceito de jornalismo esportivo, cada vez mais promovendo, efetivamente, um jornalismo que fale do esporte de uma forma total: mostra o esporte profissional, obviamente, (de alto rendimento), mas também mostra o amador, o universitário, o esporte que inclui, o esporte que trabalha com a terceira idade, com as crianças, o esporte na educação e é essa a militância que venho desenvolvendo. (CAMPOS, 2015. IDEM).

Considerando que os universos envolvidos entre as atividades físicas, motoras – local em que as modalidades desportivas acontecem – e a cobertura jornalística com diferenciação do tipo de produção de material informativo um assunto abordado em outra editoria gera uma outra premissa sobre uma diferenciação na criação de notícias: segmentação e especialização do profissional da área esportiva perante as outras seções. O professor da Escola de Esportes e Educação Física, da Universidade de São Paulo, Ary Rocco Júnior pondera:

Jornalismo esportivo é uma especialização do jornalismo que especificamente trata ou deveria tratar de todas aquelas pautas relacionadas ao universo do esporte: prática esportiva, fomento ao esporte, megaeventos esportivos, competições esportivas, o atleta, o treinador; ou seja, todo aquele universo que efetivamente é responsável pelas modalidades esportivas e pelas competições esportivas em nível local, nacional, internacional e fomento do esporte. (ROCCO Jr, 2015. Entrevista realizada em 06/09/2015 nas dependências da ECO – UFRJ)

## **COMPLEXIDADES E DESAFIOS NO BRASIL OLÍMPICO**

A percepção da complexidade envolvendo a questão da definição do que seria o Jornalismo Esportivo, no contexto de que, “às vésperas” da realização das olimpíadas no Rio de Janeiro não apenas repercute na tentativa de se buscar de uma definição atualizada sobre essa prática profissional no Brasil.

Diante desses aspectos e do contexto cultural, o “jeito brasileiro de ser” (DA MATTA, 1986), quando várias interfaces, de outras esferas de cobertura parecem sair da pauta esportiva e passa a atuar no âmbito cultural. O professor e pesquisador da Universidade de Sorocaba, Felipe Tavares Paes Lopes evidencia os tópicos de complexidade percebidos:

Jornalismo esportivo, do meu ponto de vista, é aquilo que de uma forma geral é dito sobre o esporte nos mais diversos veículos e meios de comunicação. Se pegarmos o que está na chamada grande imprensa, hoje em dia, jornalismo esportivo é basicamente futebol, porque basicamente é aquilo que tem visibilidade nos meios de comunicação. Uma outra questão é aquilo que, na minha opinião, deveria ser o jornalismo esportivo. Já que ele é futebol e basicamente se configura como espaço de entretenimento e lazer. Evidentemente, do meu ponto de vista, seria interessante ocorrer uma diversificação e mais do que isso, houvesse algo além da politização, porque a própria despolitização é uma forma de politização – mas seria interessante configurar esse espaço, não só da leveza, do entretenimento, mas configurar esse espaço de tal modo para que ele seja utilizado para que possamos pensar os significados e as funções sociais do esporte na sociedade contemporânea. (LOPES, 2015. Entrevista realizada em 26/10/2015 nas dependências da Uniso).

Já, o professor da Universidade Federal do Mato Grosso do Sul, João Jair Sartorelo, inclui nesse rol de aspectos da contemporaneidade, como o embate entre as questões do imediatismo e constante atualização *versus* estratégias de planejamento: a participação subjetiva e a necessidade de que o jornalista tenha mais envolvimento com os esportes e – com as práticas frequentes do cotidiano, sem desmerecimento dos níveis profissional, amador e casual.

O desafio da mídia para cobrir um evento olímpico deve ter um caráter idôneo, não pode ser levado por emoções e deve ter um senso crítico: ele não pode simplesmente criticar por criticar, ele deve apresentar os motivos das críticas e também dos elogios. No momento, há uma confusão: existem pessoas que fazem uma análise diferenciada entre esporte, desporto e atividade física... o importante é o ser humano se movimentar, praticar qualquer tipo de atividade.

Em Campo Grande, não existe um planejamento [olímpico] para daqui há alguns anos. O que existem são pessoas que tem interesse em fazer alguma coisa planejada, mas quando obtêm algo, não tem apoio de nada. É o atleta autodidata, ou pai do atleta ou é algum benfeitor que aparece para auxiliar essas pessoas, mas que não tem condições de levar um projeto grande para frente. (SARTORELO, 2015. Entrevista realizada em 05 de novembro de 2015 nas dependências do Estádio “Pedro Pedrossian” – campus Campo Grande (MS) da UFMS).

Para o radialista e jornalista Arthur Mário Medeiros Ramalho, da rádio Cultura (Campo Grande - MS), a seção esportiva, além de exigir que o profissional mantenha seu repertório atualizado, se apresenta como uma grande escola profissional:

no meu ponto de vista, o Jornalismo Esportivo no Rádio, ele é um verdadeiro caçatalentos para o jornalismo brasileiro... quantos jovens iniciaram no rádio esportivo, inicialmente, pela paixão [...] Então, o jornalismo esportivo, além de ser essa grande escola, ele também é o espaço de muita realização humana: eu que, jamais imaginei, por exemplo, que pudesse viajar o mundo. Eu viajei o mundo e tive oportunidade de acumular tanto conhecimento, tanta informação nova nas viagens, carimbando (meu) passaporte (pelo) mundo afora, que, se eu estivesse em outra área da Comunicação, certamente, eu não teria tido essa oportunidade de conhecer várias e várias culturas – América do Sul, Europa, Ásia. Então, há essa outra característica e,

o jornalismo esportivo, ele dá uma bagagem diferenciada: eu passei por redação de jornal em um período muito curto, com outros colegas de redação e enfim, até hoje, com mais de trinta anos de (experiência em) rádio. (RAMALHO, 2015. Entrevista realizada em 24 de novembro de 2015 nas dependências da Rádio Cultura de Campo Grande - MS).

Esse mesmo tipo de percepção pode ser comparado com a descrição que o professor Manuel Carlos Chaparro, da USP, realiza ao se inserir tanto no campo profissional, quanto do ensino de Jornalismo:

Eu já fiz jornalismo esportivo e sou torcedor do Benfica e foi uma boa experiência, do jornalismo esportivo porque, ao contrário de algumas outras áreas onde o jornalismo é usado, o esporte é um ambiente de fatos e atos e falas intensamente emotivos. Você sempre está participando quando escreve ou quando faz alguma coisa na área do esporte, você sempre está participando de um ambiente muito amplo e emocional, por causa do conflito. (CHAPARRO, 2015. Entrevista realizada em 05/09/2015 nas dependências da ECO – UFRJ)

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A prática do profissional que se apresenta circunscrito no Brasil do século XXI possui diversas nuances, incluindo o perfil cultural, que gera uma primeira percepção crítica diante da deontologia típica do Jornalismo. Do mesmo modo, produz a sensação de escassez e caos por conta dos conteúdos multifacetados, disponibilizados não apenas na mídia tradicional, mas também em nichos alternativos pela internet. Em alguns casos, a recíproca não se realiza, diante de uma sobrecarga de *weblogs* e redes sociais com o tema esporte direcionado estritamente para o futebol, enquanto algumas modalidades olímpicas continuam tendo sua visibilidade ofuscada. A cobertura olímpica, que no Brasil também reflete como tal complexidade se postula: entender outros esportes a partir do futebol, principalmente ao se considerar, a iminência da contemporaneidade e a rápida atualização da formação profissional do jornalista que atuará na área de esportes diante das possibilidades da tecnologia e mídia convergente.

Tais desafios refletem a tortuosidade no caminho a ser percorrido no estudo das interfaces esportivas do jornalismo: entender se alguns perfis de noticiários de modalidades olímpicas com pouca cobertura na mídia e se a visibilidade a partir de *website* de confederações possam se constituir como fontes de informação, bem como auxiliar no desenvolvimento do esporte, atividades físicas e motoras, envolvendo pessoas que, ao assumirem o papel de atletas, também estejam relacionados ao papel de protagonista(s) das reportagens.



## REFERÊNCIAS<sup>3</sup>

- AMARAL, Luiz. **Jornalismo**: matéria de primeira página. 3ª edição. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro/UFC, 1982.
- BENJAMIN, W. **Magia e Técnica, Arte e Política**: Ensaio sobre Literatura e História da Cultura. Obras Escolhidas. Volume I. 5. Ed. Tradução de Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1993.
- \_\_\_\_\_. **Sobre Arte, Técnica, Linguagem e Política**. Tradução de Maria Amélia Cruz et al. Lisboa: Relógio D'Água. 1992.
- \_\_\_\_\_. “Textos Escolhidos” (Walter Benjamin *et al*). **Os Pensadores**. Tradução de Modesto Carone *et al*. São Paulo: Abril Cultural, 1983.
- BUENO, Wilson da Costa. “Chutando prá fora: os equívocos do jornalismo esportivo brasileiro”. In: MARQUES, José Carlos; CARVALHO, Sérgio; CAMARGO, Vera Regina (orgs.). **Comunicação e esporte**: tendências. Santa Maria: Pallotti/Intercom, 2005.
- DA TÁVOLA, Artur. **Comunicação é mito**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.
- DA MATTA, Roberto. **O que faz do Brasil, Brasil?** Rio de Janeiro: Rocco, 1986.
- \_\_\_\_\_. “Antropologia do óbvio: notas em torno do significado social do futebol brasileiro”. In: **Revista USP**. Dossiê futebol, nº 22. São Paulo: Universidade de São Paulo, junho-agosto de 1994, p. 10-17.
- DA MATTA *et al*. **Universo do futebol**: esporte e sociedade brasileira. Rio de Janeiro: Pinakotheke, 1982.
- ERBOLATO, Mário L. **Jornalismo especializado**: emissão de textos no jornalismo impresso. São Paulo: Atlas, 1981.
- \_\_\_\_\_. **Técnicas de codificação em jornalismo**. Petrópolis: Vozes, 1978.
- HOHENBERG, John. **O jornalista profissional**: guia às práticas e aos princípios dos meios de comunicação de massa. Tradução de Hélio Alberto Pinto revista por Hélio Pólvora. Rio de Janeiro: Interamericana, 1981.
- MARQUES, José Carlos (org.). **Comunicação e esporte**: diálogos possíveis. Coleção Intercom NP's, volume 7. São Paulo: Artcolor, 2007.
- McLUHAN, Marshall. **Understanding Media**. London: Routledge, 1964.
- SOARES, Edileuza. **A bola no ar**: o rádio esportivo em São Paulo. São Paulo: Summus, 1999.
- STRAUBHAAR, Joseph. “Sedimentada, híbrida e múltipla? A nova geografia cultural das identidades”. **Revista Matrizes**, Ano 7 – nº 1. São Paulo: ECA/USP jan./jun. 2013, p 59-93.

## Referências eletrônicas (webgrafia)

---

<sup>3</sup> De acordo com a Associação Brasileira de Normas Técnicas, NBR 6023.



COMITÊ Olímpico Brasileiro. *Sítio web*. Disponível em: <http://www.cob.org.br>

RIO Cidade Olímpica. Canal de vídeos no Youtube. Disponível em:  
<https://www.youtube.com/channel/UCaHqCxzD3qiU-WRZwpwm7hw>

### **Entrevistas**

CAMPOS, Anderson Gurgel. Entrevista realizada em 06 de setembro de 2015 nas dependências da ECO – UFRJ.

CHAPARRO, Manuel Carlos da Conceição. Entrevista concedida em 05 de setembro de 2015 nas dependências da ECO – UFRJ.

GUERRA, Márcio de Oliveira. Entrevista concedida em 05 de setembro de 2015 nas dependências da ECO – UFRJ.

MARQUES, José Carlos. Entrevista concedida em 06 de setembro de 2015 nas dependências da ECO – UFRJ.

LOPES, Felipe Tavares Paes. Entrevista concedida em 26 de outubro de 2015 nas dependências da Uniso.

RAMALHO, Arthur Mário Medeiros. Entrevista concedida em 24 de novembro de 2015 nas dependências da Rádio Cultura AM 680 (Campo Grande - MS).

ROCCO Jr, Ary. Entrevista concedida em 06 de setembro de 2015 nas dependências da ECO – UFRJ.

SARTORELO, João Jair. Entrevista concedida em 05 de novembro de 2015 nas dependências do Estádio “Pedro Pedrossian” – campus Campo Grande da UFMS.